

OS IMPACTOS DO PIBID NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DRA. ROSA MALENA DE ARAÚJO CARVALHO

Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ
Professora do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense/UFF

ANDREA BEATRIZ MACHADO

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física
da Universidade Federal Fluminense/UFF

Resumo | Apresentamos estudo de inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), através de projeto na educação de jovens e adultos (EJA), durante o ano acadêmico de 2015. Partindo do objetivo principal do programa, que é fazer com que o aluno da graduação, desde seus primeiros períodos, esteja envolvido com a escola pública, indagamos os impactos dessa experiência na formação inicial para a Educação Física e a EJA. No diálogo da experiência realizada com avaliação qualitativa de referencial bibliográfico, questionando a lacuna na formação para a EJA, identificamos que a participação no PIBID contribui significativamente para a docência, com destaque para a organização coletiva de práticas pedagógicas em que o universo da cultura corporal constitua a EJA.

Palavras-chave | Educação Física; PIBID; Educação de jovens e adultos.

INTRODUÇÃO

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) está no Ministério da Educação, organizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), entrando em vigor através da Portaria Normativa nº16, de 23 de Dezembro de 2009. Os participantes são alunos dos cursos das diversas Licenciaturas, inseridos nos cotidianos das escolas da rede pública; planejando e observando experiências

docentes, com olhar de caráter interdisciplinar; buscando contribuir com os problemas identificados pelo coletivo escolar no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. As autoras desse estudo estão inseridas no grupo PIBID de Universidade Pública Federal da região metropolitana do Rio de Janeiro, na área educação física – uma é coordenadora de área e a outra é licencianda, bolsista de iniciação à docência vinculada ao subprojeto Educação Física, inseridas em Colégio Estadual localizado em Niterói, na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O programa está organizado em: Coordenadores Institucionais, que são professores das licenciaturas que coordenam o projeto PIBID na IES (Instituição de Ensino Superior); os Coordenadores de área, professores das licenciaturas que coordenam subprojetos; os Supervisores, que são professores de escolas públicas na educação básica e recebem os alunos da graduação e; os bolsistas de iniciação à docência, que são estudantes da licenciatura na área abrangida pelo subprojeto em que se inserem. Dos objetivos específicos, destacamos o significado do PIBID para a formação inicial, o qual contém a ideia de fazer com que o aluno da licenciatura possa estar em contato e vivenciando o ambiente escolar, ao longo de sua formação universitária. Dessa forma, dialoga com a escola o que vem estudando, na universidade, ao longo da graduação.

Assim, através do PIBID, o aluno da Licenciatura, desde seus primeiros períodos, está envolvido com a escola pública, sendo sua iniciação à docência construída em conjunto com os professores da rede escolar e professores das Universidades, pois “a inserção d@s licenciand@s no cotidiano de escolas da rede pública de educação, [é] o que promove a integração entre educação superior e educação básica” (LORA, 2013, s/p). Dessa forma, ao mesmo tempo em que o graduando aprende a dialogar com o contexto que futuramente estará inserido como professor, sua inserção proporciona a aproximação entre universidade e escola.

O subgrupo do PIBID onde desenvolvemos nossas reflexões está alocado na Modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Este segmento tem como princípio, segundo a LDBN (1996), na seção V e Art.37, ser: “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no

ensino fundamental e médio na idade própria”. Sendo assim, essa camada da população terá gratuidade à escolarização e às diversas oportunidades educacionais, onde a Lei estabelece que cabe ao poder público oferecer e garantir o acesso e a permanência nas instituições de ensino.

Ainda levando em consideração essa Lei, a qual, através do artigo 26 menciona que a participação das aulas de Educação Física na EJA é facultativa aos alunos que estejam nas seguintes características:

- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II – maior de trinta anos de idade;
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV – amparado pelo Decreto-Lei 1.044, de 21 de outubro de 1969;
- V – (VETADO)
- VI – que tenha prole

A inserção de um projeto de iniciação à docência nesta disciplina questiona qual educação física é considerada nessa legislação e, junto com isso, coloca as discussões sobre os elementos da educação popular no que hoje chamamos de EJA, como a relação dialógica entre os saberes (FREIRE, 1994). Assim, aqui explicitamos compromisso com uma concepção de educação que seja identificada como direito e uma educação física que, como prática pedagógica, aborda seus conhecimentos na perspectiva da *cultura corporal* (COLETIVO DE AUTORES, 1992), em que seus conteúdos estão associados com o conhecimento dos sentidos e significados sociais. Sendo assim, compreendendo de forma contextualizada, busca-se o entendimento das práticas corporais na organização geral da escola e da sociedade.

Com essa ideia de Educação Física, acreditamos que dialogar com a EJA é pensar na escola como recomeço (CARRANO, 2011), pois para estes jovens e adultos a oportunidade de começar ou retornar à escola, assim como ter acesso a todos os bens socialmente construídos - como a educação física - pode possuir significado de vida nova.

Este diálogo entre a Educação Física e a EJA necessita olhar para esses alunos como sujeitos construtores socioculturais, habitantes de

múltiplos espaços, produtos e produtores de cultura, que possuem uma história, experiências que contribuem e fazem parte do seu processo escolar. Nesta perspectiva, compreendemos que os acontecimentos socioeducativos não estão separados dos acontecimentos pessoais, das memórias – estes, por sua vez, fazem parte destes sujeitos, de suas identidades e, ao mesmo tempo, constitui a história da sociedade e da escola que fazem parte.

Esta é uma tarefa que se apresenta como desafio, quando identificamos a escola com o papel de questionar conceitos, desmistificando os requisitos que foram marcados nesses estudantes, como os limites da condição socioeconômica em que vivem/sobrevivem; as marcas sociais expressadas na idade, na cor da pele, no tônus muscular; a visão de carência/deficiência dos aspectos culturais quando esses alunos se fazem presentes e pronunciam-se como cidadãos. O que significa ser contra a “introjeção da lógica do fracasso [que] silencia os vencidos e o direito de dizer, de enunciar a sua própria palavra” (CARRANO, 2011, p. 74). Sendo assim, a relação entre a Educação Física, a EJA e a ideia da escola do recomeço requer um pensar e agir escolar onde os jovens e adultos são sujeitos coautores do conhecimento, da produção do processo escolar em que está inserido, na reconstrução de sentidos, caminhos e possibilidades.

O PIBID E A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS DE ADULTOS

A partir do exposto, em avaliação qualitativa do trabalho realizado, indagamos o que essa experiência na EJA, através do PIBID, vem provocando aos graduandos em educação física. O que revela a organização para essa iniciação à docência, na qual o aluno bolsista PIBID tem contato com a modalidade pela primeira vez e desenvolve trabalho em conjunto com outros bolsistas, junto com o professor da rede pública e o da universidade. Este exercício praticado pelo graduando é formador em relação à EJA e, junto com isso, sua visão e postura como um futuro professor são articuladas com as experiências nos diversos momentos no escolar, com as aulas e demais espaços da Universidade, assim como

nas reuniões para estudo e planejamento de uma Modalidade pouco ou nada conhecida.

Os graduandos destacam o quanto a presença no cotidiano escolar, onde os alunos das escolas os recebem como professores, assim como toda a comunidade escolar, contribuem para sentirem-se pertencentes e valorizados no magistério. A supervisora e coordenadora de área também percebem que a inserção dos bolsistas das licenciaturas no programa proporciona intensas experiências pedagógicas, estimulando o senso crítico, dialogando com eles sobre assumir a responsabilidade e o compromisso de um professor em geral e, em nosso caso, no/a professor/a de educação física que se faz no escolar. A interação com outros bolsistas, alguns mais antigos, outros mais novos, também indicam desafios para o trabalho coletivo.

O mesmo acontece com a professora supervisora, a qual explicita que enxerga nos bolsistas uma parceria para atingir os educandos da EJA, já que nesta modalidade de ensino a evasão ainda é grande, por diversos motivos, em especial a heterogeneidade de situações, pessoas e saberes. Como estamos em escola estadual, o planejamento é elaborado considerando, dialogando e questionando o Currículo Mínimo, proposto pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), onde os conteúdos são desenvolvidos buscando a promoção da intergeracionalidade.

As práticas corporais, conteúdos da educação física escolar (danças, ginásticas, esportes, lutas, jogos e brincadeiras populares etc), são organizadas em associação com temáticas direcionadas para o lazer, a promoção da saúde, bem como ficando abertos ao diálogo com as turmas para que tragam e compartilhem ideias. Essa organização sofre diversas interferências, especialmente por acontecimentos locais que suspendem as aulas (como os tiroteios no entorno), revelando a dureza e violência do contexto em que alunos, professores e escola estão inseridos – exigindo a entrada dessa situação, como tema na aula seguinte. Por exemplo: quando um aluno de 16 anos, negro, no sexto ano do ensino fundamental, chegou estressado dizendo que “estava cansado de ser esculachado pela polícia” - como tinha sido nesse dia, ao se deslocar de casa (favela) para a escola.

Outro exemplo foi a discussão de gênero e sexualidade quando abordamos a corporeidade. Realizar essa aula, com alunos da mesma idade ou mais velhos revela uma questão presente nas falas dos graduandos bolsistas dessa equipe: o impacto de tudo isso em sua identidade profissional. A participação em um programa em que o objetivo é a prática docente, afirmando o ser professor/a, também exige aprendizagem pessoal. O que significa falar em identidade como expressão de um processo de construção de sujeitos, o que, segundo Penna (1992), traz a ideia de reconhecimento como fundamental para pensar a identidade, a própria e a do outro - o que esse autor chama de *auto reconhecimento* e *alter reconhecimento*.

A identidade desses futuros docentes aqui é entendida a partir do contexto apresentado não somente como construção profissional, mas, além disso, uma construção social impactada por múltiplos fatores que interagem entre si, estabelecendo relações com suas histórias de vida, suas condições de trabalho, as idealizações sobre a profissão em escolha. Neste caso, é perceptível a importância que o PIBID proporciona aos alunos bolsistas, onde a constante avaliação do planejado e realizado, em trabalho coletivo, com autonomia, colabora para que se sintam autores de suas presenças nas escolas, com as ações e escolhas que isso significa. O que auxilia na construção de identidade, a qual - como Garcia (2009) e Bauman (2005) trazem - é uma realidade que se modifica, se desenvolve. Sendo assim, as experiências adquiridas através do PIBID contribuem na formação inicial dos alunos/professores e, ao mesmo tempo, em sua formação humana.

Nessa discussão em torno da identidade profissional, estar no PIBID na Educação de Jovens e Adultos (EJA) traz diferentes impactos, dos quais destacamos dois: um se relaciona com a quebra de algumas obviedades que ainda percebemos na educação - aqui exemplificada na relação etária entre professores e alunos das escolas. Em geral, a ideia que fazemos da formação docente é preparar jovens que serão professores de crianças, adolescentes ou alunos pouco mais jovens que seus professores. Porém, os graduandos que atuam no PIBID com a EJA ficam surpresos quando

identificam que esses alunos da escola têm a mesma idade cronológica ou são mais velhos do que eles – questão que a formação inicial raramente discute.

O outro destaque tem a ver com o fato de ainda não termos, no curso de graduação em que as autoras estão inseridas, elemento curricular que aborde a modalidade. Nessa licenciatura em educação física de instituição pública federal há uma proposta aprovada para execução de forma optativa, mas ainda não executada por diversos motivos. A experiência nessa iniciação à docência, junto com outros projetos de caráter extensionista, traz elementos que auxiliam a colocar a necessidade e urgência dessa discussão. O que inclui a responsabilidade das Universidades em relação às dificuldades e os avanços da educação física na EJA. Com essa ideia seguimos, encerrando o texto.

O OLHAR MODIFICADO, PELO PIBID, PARA A EDUCAÇÃO E A EJA - CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Considerando que todos os projetos e espaços oportunizados na e pela universidade que levem à escola são momentos formadores, devido a inúmeros fatores, especialmente na relação, aproximação, vínculo que fazemos para qualificar o trabalho docente que se quer no escolar, a experiência com o PIBID faz identificar que essas oportunidades estreitam a interação teoria-prática, convidando ir além do realizado em carga horária de aula na graduação, ampliando caminhos, guiando escolhas.

O PIBID está diretamente associado à formação inicial, mas a inserção nas escolas mostra-se fundamental tanto para o professor regente da escola, quanto para o professor coordenador de área e não somente para o graduando, pois todos compartilham os desafios da prática pedagógica, as angústias comuns ao exercício no magistério. E foram diversas as provocações que apareceram ao longo do projeto, o qual busca romper com a hierarquia da importância do trabalho docente nas duas realidades formadoras – a universitária e a escolar -, destacando o significado dos sujeitos, espaços e tempos da escola na formação de professores. O que

reforça a ideia de que os programas voltados à Educação Básica, em conjunto às Universidades, “[...] precisam sair de seus muros e buscar a sua inserção na sociedade mais ampla, analisando, discutindo e equacionando os diferentes problemas existentes, promovendo, assim, a contextualização da realidade” (ARAÚJO, 1998, p. 178).

Esse subgrupo do PIBID-Educação Física, vinculado à EJA, nessa iniciação à docência, começou pela compreensão do histórico da Educação de Jovens e Adultos; as lutas travadas para o que hoje chamamos educação de jovens e adultos; a heterogeneidade como marca da modalidade; a importância do ancorar na educação como direito (transcendendo a ideia de compensação); a necessidade de estudar, pensar o que fazemos, como professores de educação física, nesse universo; além da aproximação da formação inicial com essa modalidade. Ao fazer isso, o PIBID assume uma importante postura de ação estratégica no incentivo à valorização do magistério em geral, pois proporciona formação continuada dos professores, supervisores que recebem os graduandos.

É perceptível, portanto, as contribuições para o processo formativo – tanto o inicial quanto o continuado. O que também causa impactos na universidade, pois muitos professores estavam distanciados dos cotidianos escolares, da importância do acompanhamento contínuo e constante dos graduandos nesses espaços. Experiência que gera diversos retornos ao realizado na universidade – dos quais alguns questionam a estruturação do currículo, pensando as fragilidades e potências existentes.

Não queremos aqui ficar na *denúncia* destas fragilidades, mas contribuir para que os fundamentos que estruturam o curso em que nos inserimos fiquem mais fortalecidos, *anunciando* processos formativos que qualifiquem o trabalho docente, como: a relação universidade-escola, em que os professores são co-formadores na orientação dos graduandos de iniciação à docência; a defesa pelo caráter público da educação – passando pela formação humana, de qualidade, crítica, que reconheça e saiba despertar nos alunos a sensibilidade para olhar o mundo e as coisas ao seu redor; considerar o corpo e as práticas corporais como objetos de ensino para a educação física no escolar. Princípios que formam base

fértil para enfrentarmos as questões que dificultam a educação física na EJA - como a não oferta de elementos curriculares que apresentem os graduandos à modalidade; o caráter ainda restrito dos projetos de ensino, pesquisa e extensão relacionados à EJA; a inserção na modalidade, através da Pesquisa e Prática de Ensino; dentre outros.

Entendemos, assim, que a qualidade no ensino desenvolvido nas escolas relaciona-se com diversos fatores, incluindo formação docente inicial e ao longo da vida profissional - o que convida ao compromisso com a pesquisa, como abertura constante ao estudo, em diálogo com as coisas do mundo. Exemplo dessa força é uma das autoras desse artigo, graduanda, ter sido mobilizada para a discussão e o estar com/na EJA - a ideia para escrita aqui realizada é expressão desse *encantamento*.

Assim, é grande o impacto na formação inicial, nessa experiência de participar do PIBID, de estar em contato com a escola, com a EJA - aspectos que nos fazem desenvolver profissionalmente e pessoalmente, já que ambos são indissociáveis, pois a forma “como cada um vive a profissão de professor é tão mais importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite; os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores” (NÓVOA, 1995, p. 33).

Como professoras, percebemos nas turmas da EJA o quão importante é o acompanhamento constante da aprendizagem do aluno - não somente a criança, mas o jovem e adulto também. Pois nesse universo encontramos alunos com vontade de ampliar sua capacidade de comunicação, escrita, expressão corporal, compreensão da sociedade em que vive, do que acontece nos lugares que os circundam, o que requer atenção e aprendizagem.

Por fim, não menos importante e com a ideia de que estas reflexões não encerram aqui, acompanhar o processo nos fez identificar como os graduandos, aos poucos, assumem e sentem que não são futuros professores críticos, mas, assim como os professores das escolas e das universidades, são futuros professores aprendendo e compreendendo a cada dia o que é ser crítico. Como Freire (1994), que nos fala: “O educador ou a

educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade” (p. 110).

Por tudo isso, programas como o PIBID têm condições de vida longa, pois ajudam com elementos para que as diversas licenciaturas ampliem sua capacidade de formação, para todos os níveis e modalidades de ensino. Além da continuidade do programa, essa experiência sinaliza a necessidade, imediata, da inclusão de elemento curricular - na matriz da graduação que nos inserimos – que aborde a educação física escolar na Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS CITADAS

ARAÚJO, M. M.; et all. **A prática da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão na universidade**. Revista Brasileira de Agrociência. V. 4, n. 3, set./dez.,1998.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CARRANO, P.; COSTA, M.B. Animar sentidos de presença de jovens na “Escola do Recomeço”. In: CARVALHO, Rosa Malena (Org). Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos. Curitiba, PR: CRV, 2011, p. 71-82.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GARCIA, C. M. A. **Identidade Docente: constantes e desafios**. In: **Revista Brasileira sobre Formação de Professores**. V. 1, n. 1, p. 109-131, ago-dez, 2009.

LORA, Ane Caroline; BORELLA, Gabriel Both, *et al.* **O que é o PIBID?** Disponível em: <<http://pibiderspb.blogspot.com.br/p/o-que-e-pibid.html>>. Acesso em 30 de ago. 2013.

NÓVOA, A. **Os professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PENNA, M. **O que Faz Ser Nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

Recebido: 07 setembro 2016

Aprovado: 03 janeiro 2017

Endereço para correspondência:

Rosa Malena de Araújo Carvalho

Rua Prof Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n

Campus de Gragoatá

Centro

Niterói – RJ

CEP: 24210-201

rosamalenacarvalho@hotmail.com